

Visado
pela Comissão
de Censura

Barcelos

Ecos da Franqueira

- AVENÇA -

Número avulso
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalho — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

P.º José A. Aires

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
PAGAMENTO: ADIANTADO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

As muralhas de Barcelos

Barcelos Militar

(Sec. XV)

Transcrição

Pelo Dr. Antonio Ferraz

(Conclusão)

Da Porta Nova seguia a muralha na mesma direcção noroeste, e, a poucos metros de distância, desviava-se um pouco para poente, seguindo, depois, em linha recta e paralelamente á rua Direita, até á rua da Esperança, onde terminava em outra torre e porta, de ignadas torre e porta do Vale, e tambem da Esperança, por haver ali um pequeno nicho, onde alguns devotos veneravam a imagem de Nossa Senhora da Esperança, que em 1689 passou para um pequeno oratório ou ermida no pavimento terreo da torre, mandada construir por um tal João de Carvalho, homem nobre de Barcelos e em 1730 foi colocada no altar da Trindade, da igreja Matriz.

Da porta do Vale partia de novo a muralha, e, descrevendo uma ampla curva semi-circular, que contornava a rua de Fundo de Vila, o Terreiro e a viela das Vigandeiras, descia sobre a margem escarpada do Cavado e ia terminar no canhal do poente da torre da Ponte, fechando assim toda a vila.

Primitivamente, os muros de Barcelos não tinham mais do que as tres portas e torres que descrevemos, e os dois postigos - o do Pecegal e o da Fonte de Baixo.

Mais tarde, na primeira metade do século XVII, a Camara, a pedido e por conveniencia dos moradores da vila, mandou abrir o postigo da Ferreira, que dava sahida da Travessa da rua Direita para a Nogueira, e o da rua das Velhas, tambem chamado da Feira, por ficar a pequena distancia do antigo Campo da Feira.

O primeiro foi construido em 1631, e o segundo em 1635, depois de a Camara ter solicitado a competente auctorisação do Conde e duque de Barcelos, D. João II.

O Castelo da Vila ficava como dissemos junto da terre da Ponte, e era cercado de fortes muros ameitados, que o protegiam.

Ao mesmo tempo que servia de obra defensiva era a residencia dos Condes de Barcelos quando visitavam a vila; e talvez por este motivo, é que propriamente o castelo não era o paço dos Condes, mas sim a torre da Porta Nova, onde residia o Alcaide-Mór.

Assim consta de um documento do arquivo do nosso municipio — o instrumento de pösse du alcaidaria-mór de Barcelos, dada a António Paes Viegas, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Comendador de Santa Maria da Caridade, em Evora e secretário de el-rei D. João IV, que diz:

«Saibam quantos este instrumento de posse dada por virtude e auctoridade de justiça e em virtude da carta do Duque nosso senhor virem que no ano de Christo de 1638, aos 18 dias do mez de março do dito ano, n'esta vila de Barcelos e fortaleza d'ela, que está aos muros da dita villa aonde chamam a porta nova, que é o castelo d'ella, etc., etc.»

(Vid. Reg. Ger. da Cam. de Barcelos (1635 — 1638) fl. 24 v.)

Temos, pois, uma extensão e forte cintura de muralhas, com suas portas e torres de defesa, envolvendo toda a vila, e no interior d'esta n'uma elevação natural do terreno, sobranceira ao Cavado, o Castelo e torre de ménagem, rodeado por seu turno de muros ameitados, que lhe dificultavam o acesso.

De todo este conjunto se vê que Barcelos, possuia um sistema de fortaleza em que, pela sua construção e disposição, foram rigorosamente observados os principios fundamentaes da arte de guerra, tanto pelo que diz respeito ao modo de combates, como às armas geralmente empregadas durante a idade média.

Fra Casil

Bocadinhos interessantes

Tractado Panegyrico em louvor da Villa de Barcelos

DE

P.º Frey Redro de Porjares (1672)

Em o Cap. XVI. faço menção de Dom Rodrigo Pinheiro, Bispo do Porto; acrecento ao dito capitulo, o que diz Dom Nicolao de S. Maria no livro 6. de sua Chronica cap. II. n. 14 fol. 322. O Mosteiro de S. Simão da Junqueira veyo a poder de Commendatarios, e foy o primeiro D. Diogo Pinheiro Bispo do Funchal, o segundo foy Dom Miguel da Sylva, que depois foy Bispo de Viseu; o terceiro foy o Doutor Ruy Gomez Pinheiro, que se intitulava nos prazos, que fez: Dom Prior, e fidalgo da casa del Rey; o quinto foy Dom Rodrigo Pinheiro, que veyo a ser Bispo do Porto, e renunciou o Priorado mór do Mosteiro um seu sobrinho Martins Pinheiro, que faleceo no anno de 1594.

Todos estes Pinheiros procederão de Tristão Gomez Pinheiro. Bom tronco, donde procederão tantos e tão bons ramos?

Junto do rio Rheso (hoje chamado Rhoites) está hum Pinheiro, que por excellencia se chamou: Fermgos Pinheiro, e deu nome ao lugar, como diz Aeneas Sylvio. Bom e fermoso Pinheiro podemos chamar ao Pinheiro, donde sahirão de Pinheiros tantos ramos e tão levantados.

* * *

Em o Cap. XVIII. pergunto, que precedencia tem a Villa de Barcellos a respeito das terras, que tinha o Excellentissimo Duque de Bragança?

Respondi, que quando se contava Guimaraens, tinha o terceiro, porque se dizia: Duque de Bragança, Guimaraens, Barcellos, etc. hoje, que se não conta Guimaraens, tinha o segundo, porque se diz: Duque de Bragança, Barcellos:

Agora acrescento, que tendo Entre Douro e Minho, duas Cidades, que são Braga e o Porto; e treze Villas, as mais notaveis entre ellas, são a Villa de Guimaraens, por ser patria do Summo Pontífice Sam Damaso, e do primeiro Rey deste Reyno Dom Affonso Henriquez, e a Villa de Barcellos por ser cabeça de Ducado dos primogenitos da casa de Bragança, e por sua grande Comarca, q. tem tanta gente, que já em occasioens, poz dezasete mil homens de guerra em campo, tudo diz o Chronista Dom Nicolao de Santa Maria, livro 6. cap. I. e que muito poderem por em campo tantos mil homens, se no Entre Douro e Minho párem as mulheres tanto, e muitas vezes muitos de hum ventre: Aeinados partos prodigiosos, só digo, que Branca da Rocha pario quatorze de hum ventre: veja-se Dom Rodrigo da Cunha, e Manuel Barboza sobre a Ordenação; e huma mulher de Quirás do districto de Barcellos pario quatro de hum ventre, como se pode vêr em o Doutor Gregório d'Almeyda em a Restauração de Portugal, 3. p. cap. 3. fol. 17. E em Gaspar Estaco nas antiguidades de Guimaraens, acharão notaveis exemplos de multiplicação.

(Vide pag, 234, 235 e 236 do Cap. CL da obra citada).

Fra Casil.

“Ecos da Franqueira,”

Fizeram o favor de pagarem as suas assinaturas os seguintes Srs. Dr. Adelio Marinho, Miguel Miranda, Manuel Faria, Manuel Ferreira Lemos, Humberto Coelho Gonçalves, Domingos Ferreira Vale, Antero Barreto de Faria, João Baptista da Silva Correia, João de Sousa, João Correia, Manuel Pereira da Quinta, de Barcelos; e os Srs. Francisco Paula dos Santos e Francisco Nogueira Martins, de Barcelinhos.

A todos estes presados assinantes, os nossos agradecimentos.



O Evangelho

Havia um homem da seita dos Fariseus, chamado Nicodemos, um dos principais entre os Judeus. Este foi ter com Jesus de noite, e disse-lhe: «Mestre, sabemos que foste enviado por Deus para ensinar: porque ninguém pode fazer estes milagres que tu fazes, se Deus não estiver com ele.» Jesus respondeu, e disse-lhe: «Em verdade, em verdade te digo que não pode ver o reino de Deus, sendo aquele que renascer de novo.» Nicodemos disse-lhe: «Como pode um homem renascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e renascer?» Respondeu-lhe Jesus: «Em verdade, em verdade te digo que quem não renascer por meio da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus. O que nasceu da carne, é carne: e o que nasceu do espírito, é espírito. Não te maravilhes de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo. O espírito sopra onde quer: e tu ouves a sua voz, mas não sabes donde ele vem, nem para onde vai: assim é todo aquele que nasceu do espírito.» Respondeu Nicodemos, e disse-lhe: «Como se pode isto fazer?» Respondeu Jesus, e disse-lhe: «Tu és Mestre em Israel, e não sabes estas coisas? Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos, e damos testemunho do que vimos, e vós não recebeis o nosso testemunho. Se vos tenho falado das coisas terrenas, e não acreditais, como acreditareis, se vos falar das celestes? E ninguém subiu ao céu, sendo aquele que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu. E como Moisés levantou no deserto a serpente, assim também importa que seja levantado o Filho do homem: a fim de que todo o que cre nê-lo, não pereça, mas tenha a vida eterna.

O Mistério da Santíssima Trindade

Se vos tenho falado das coisas terrenas, e não acreditais, como acreditareis, se vos falar das celestes?

(Do Evangelho do dia.)

Benlita seja a Santíssima Trindade e a indivisível Unidade.

(Do Introito da Missa.)

Mistério inefável e oculto à razão humana é o que hoje celebra a Liturgia da santa Igreja, cristãos. Mistério altíssimo e profundíssimo que em nosso rude modo de entender é a fonte dos demais mistérios que veneramos na Religião Católica: o Mistério da Santíssima Trindade.

Por mais que este adorável mistério seja o objecto e o termo do culto católico em todas as festas do ciclo litúrgico, em todas as demonstrações religiosas do verdadeiro crente, quiz a Igreja dedicar um dia à celebração especial deste mistério, fixando-o na domingo de hoje, depois de celebradas as festas pascaes em honra do Filho e do Espírito Santo.

Correspondendo a esta prescrição da Santa Igreja, vamos hoje meditar um pouco este venerável mistério da Santíssima Trindade, mistério que é adorável e imitável, quero dizer, que devemos adorar e imitar quanto nos seja possível:

Dissemos que é inefável o mistério da SS.

Trindade, porque se chamavam inefáveis aquelas coisas das quais não podemos falar digna e adequadamente por não lhes atingirmos a compreensão; mas por isto mesmo que é inefável da matéria para se falar muito dele. E também poderíamos acrescentar, de um modo semelhante: por isto mesmo que é um mistério altíssimo e profundíssimo, chega a ser objecto de nossa imitação por muitos conceitos.

Vejámos primeiro como e porque é digno de toda a nossa adoração, para estudar depois como devemos imitá-lo.

I.— Para o primeiro, basta tratar de conhecer a essência ou o fundo deste mistério, embora com a rudeza própria do nosso limitado e curtíssimo entendimento. Há neste mistério tres coisas que formam como que a sua essência, a saber:

1.— A unidade de natureza.

Confessamos no mistério da Santíssima Trindade uma só essência ou natureza divina, porque não pode haver mais que um Deus verdadeiro. Se disséssemos que na Santíssima Trindade havia tres naturezas distintas, diríamos que havia tres deuses, e afirmarmos o maior absurdo que se poderia imaginar; porque se esses tres supostos deuses não fossem iguais, um seria maior que os outros, e estes já não seriam deuses, porque Deus é o maior e mais perfeito que se pode imaginar; e se fossem iguais, nenhum deles seria Deus, porque o verdadeiro Deus há-de estar acima de todos e há-de ter as perfeições de todos e muitas mais, sem limites e sem rival que possa eclipsá-lo.

Por isso é que muitas vezes nos diz a Sagrada Escritura: *O Senhor, o nosso Deus, é um* (Deut., VI, 4); *O Senhor teu Deus é um só Deus* (Marc, XII, 29); *Um só Senhor, uma só fé, um só baptismo* (Ephes., IV, 5). Considerai o que seria se numa freguesia houvesse tres regedores, ou num reino tres reis, igualmente poderosos e absolutos; seria impossível o governo, a não ser que dois deles se redzissessem à inacção e ao silêncio...

Adoremos esta grandeza, e clamemos com a Liturgia: *Só vós sois Santo, só vós sois Senhor, só vós sois Altíssimo,*

2.— A trindade de pessoas.

Mas se afirmamos a unidade de natureza em Deus, confessamos a trindade de pessoas, o que é já muito distinto, embora muito misterioso. Todos nós temos a mesma natureza humana e cada um tem a sua personalidade distinta; mas em Deus não sucede o mesmo que em nós, que vivemos separados. Deus é espírito puríssimo e nele tudo é vida íntima e muito superior a quanto pudermos pensar, de modo que não achamos na nossa linguagem nem nas nossas ideias termos de comparação perfeita.

A alma humana é uma só em cada indivíduo, e tem tres potências distintas...; assim Deus é um, mas são tres pessoas distintas, embora de um modo muito superior e muito diferente das tres potências da alma, porque em Deus nada há accidental, mudável e limitado, como são as nossas potências. As tres pessoas divinas chamam-se Pai, Filho e Espírito Santo. O Pai, conhecendo-se, gera o Filho com o seu entendimento; e do amor do Pai e do Filho procede e Espírito Santo. *São tres os que dão testemunho no céu: o Pai, o Verbo, e o Espírito Santo; e estes tres são uma só coisa,* diz S. João (I Joan., V, 7).

Veneremos profundamente tão alto mistério, já que o não podemos compreender.

A igualdade de perfeição.

Não havemos de medir com a nossa limitada capacidade a divina grandeza, nem pensar de Deus coisa alguma que seja menos digna da sua magestade infinita. As tres Pessoas são iguais em antiguidade e infinita perfeição: não é o Pai anterior ao Filho, nem ambos excedem o Espírito Santo; eterno é o Pai, eter-

no o Filho, eterno o Espírito Santo; imenso o Pai, imenso o Filho, imenso o Espírito Santo. Assim o entende e cre a Santa Igreja com todos os Santos Padres, e assim consta pelas divinas Escrituras, como provam os teólogos.

Adoremos rendidamente a grandeza e elevação da Trindade augusta, e repitamos com S. Francisco Xavier: «O Santíssima Trindade!»

II.— Mas não nos contentemos em adorá-la; é preciso imitá-la, e por muito alto que esteja o modelo, presta-se às nossas considerações e vêmo-lo reflectido em muitas coisas da natureza e da graça.

1.— Modelo de união.

Unidas essencial e inseparavelmente as tres divinas Pessoas, teem as mesmas ideias e projectos a nosso respeito; as tres contribuem para todas as obras que se realisam no mundo, e nunca há nem pode haver entre elas divergência alguma. Que modelo para a familia cristã, para as comunidades e associações religiosas! Seja a nossa sociedade com o Pai e com o Filho e com o Espírito Santo, segundo a ideia do Evangelista S. João (I Joan., I, 3).

2.— Modelo de comunicação.

Comunicam-se as tres Pessoas intimamente, e o Pai comunica a sua essência ao Filho, e ambos ao Espírito Santo, e nas obras *ad extra* as tres Pessoas se comunicam a todos com abundância, pois todo o bem que há em nós delas procede: *Omnibus affluenter* (Iac., I, 5). Sejamos benéficos e não regateemos aos outros o que Deus dá para todos.

3.— Modelo de permanência.

Desde toda a eternidade se está realisando este mistério num acto simplicíssimo e nunca interrompido, e não cessará nem retrocederá nunca. (Prov., VIII, 23; Eccli., XXIV, 14). Imitemos esta constância, e não nos apartemos do seu serviço, nem retrocedamos do nosso propósito, nem faltemos à palavra dada... *Estou certo,* dizia S. Paulo, *que nem a morte nem a vida... nem creatura alguma poderá separar-me do amor de Deus.* (Rom., VIII, 39).

Cristãos: Veneremos tão alto mistério e imitêmo-lo. Acreditemos dele tres coisas: unidade de essência, trindade de pessoas e igualdade de atributos; imitêmo-lo na união, na comunicação, na permanência. «Bem digamos o Pai, o Filho, e o Espírito Santo».

Em defesa própria

Os engenheiros ingleses, acusados de sabotagem no plano quinquenal da Russia, foram condenados, embora a penas leves. Toda a gente o esperava. Por estarem culpados os acusados? Não! O plano quinquenal, que os Senhores de Moscovo, haviam anunciado, como o supremo triunfo do economia sovietica, faliu estrondosamente.

E o povo russo, a quem prometeram abundancia e comodidade, agonisa na mais esqualida miséria. Era preciso invocar uma causa, para essa falência. E os engenheiros ingleses, apareceram, como os culpados da grande catástrofe, que desabou sobre a infeliz Russia. Por outro lado os bolchevistas ostentando força que não teem, mostram aos pobres famintos, que estão tão fortes, que desafiam a poderosa Inglaterra.

Mas a Inglaterra é que não esteve pelos ajustes e suprimiu a missão comercial sovietica de Londres e proibiu a importação, das mercadorias russas no seu território. A Russia sentiu-se ferida, ripostou no mesmo tom.

Começam a cair as illusões. Os efetivos bolchevistas teem descido em todo o mundo consideravelmente. As medidas adoptadas só servirão para agravar esse fenomeno com que o mundo só terá a ganhar.

VARIEDADES

SONETO

VOZES NA SOMBRA

"Ai daqueles que esperam!, disse alguém que falava na sombra. Era uma cava, era uma rouca voz, que murmurava: "Aquilo que eles querem nunca vem..."

Fez-se um silêncio enorme. Outra, porém, —voz, que de estranha máguia requeimava e cuja dor a dor da noite agrava— "Ai dos que não esperam!" diz também.

O silencio voltou, pesado e fundo. Tinha-se a vaga sensação que o mundo se abismava de lagrimas num mar.

Foi então que outra voz disse somente: "Ai dos que vivem!" e essa voz plangente parecia gemer e soluçar...

Medeiros e Albuquerque.

O MUNDO

Louvado seja quem fica
Sem ter um palm. de seu!
O nada que sacrifica
Torna-lhe a alma bem rica,
E ficando como fica
Nunca mais empobreceu.

Puz os meus olhos no mundo!
Com ambição e altivez,
Depressa lhe vi o fundo!
Creio que não me confundo:
Sou nada, porém o mundo
Ainda é menos, talvez!

Queiroz Ribeiro.

Dos escritores portugueses qual o mais

Aquático? — Bulhão Pato.
Fúnebre? — Eça de Queiroz.
Venerado? — João de Deus
Selvático? — Gervasio Lobato.
Terrível? — Guerra Junqueira.
Forte? — Camilo Castelo Branco.
Ladino? — Latino Coelho.
Horripilante? — Pinheiro Chagas.
Cortante? — Julio Cezar Machado.
Corrente? — Tomaz Ribeiro.
Frutífero? — Oliveira Martins.
Espinhoso? — Ramalho Ortigão.
Sincero? — Mendes Leal.
Desejado? — Pêna Fortuna.
Puro? — Fernando Castiço.

NOTA ALEGRE

Numa loja de modas:

—Vende-me duas górras para esta meni-
na—diz uma senhora.

—Duas?!

—Sim. E' uma para cada meia cabeça.

Secção charadística

CHARADAS

EM VERSO

Espera a Guilhermina, do Brasil,
O jovem, que há seis anos, ao partir,
Em antes e quando foi ao despedir,
Sinceras juras fez e mais de mil.

E assim permanecendo em Arganil,
Convicta de que foi e de que ha de vir,—3
A fé na Virgem tem de que cumpriu
Irá uma promessa com seu Gil.

Não perde o tempo seu, tem a certeza,
E tanto ao se deitar aos santos reza,
Que espera usar do Gil seu *apetido*.—1

Já vê diante si porvir risonho,
Embala-a desde já mui roseo sonho,
Julgando-se *feliz* junta ao marido.

Lebricho

EM FRASE

Tôda a gente *desdenha* da planta que este ho-
mem cultiva.—1-2

O *menino* contenta-se com comida *saboro-
sa*.—2-1

Madre Helena.

A *mulher que cria* meu netinho porque lhe *pro-
porciona* elementos de existencia, ha de ser sempre
muito *querida*.—2-1

Por causa dum *sinal ortográfico onde* não de-
via estar lê-se frondoso em vez de frondoso.—2-1

H. Raio

SINOPADAS

(por silabas)

3—Tôda a vida *adoentado*
Tem passado meu cunhado,
Mas dando provas de sério
E de muito bom *critério*.—2

H. Leitor

3—A *sombria* faz ninho na *rocha*.—2

3—Eis um *trajo* próprio para *homem*.—2

H. Pita

AUMENTATIVA

Ninharia, *bagatela*,
Qualquer coisa sem valor;
Muito usado em Mirandela
Para *adorno do andor*.—2

Miss Iva.

BIFORME

Se esquecer não quer o nome
Dum *pelxe d'água salgada*,
Nêste *livro* nota tome
Em folha determinada.—3

Lebricho

ENIGMA

Quero ver quem mete o dente
De repente,
No que aqui vos apresento,
Pois vou contar uma história,
Se a memória
Me ajudar neste momento.
Houve um pintor afamado,
Reputado
O melhor da ocasião;
Tanto assim que da pintura,
Sem usura,
Ouro teve em profusão.
O seu nome era composto
Com mui gôsto,
Apenas de letras seis;
Mas em linguagem lacônica,
Mesmo sônica,
A trez o reduzireis.
Quero ver, pois, quem é forte,
Que dê morte
Ao meu trabalho mal feito
Se morrer, fico bem triste;
Se resiste...
Ficarei mais satisfeito.

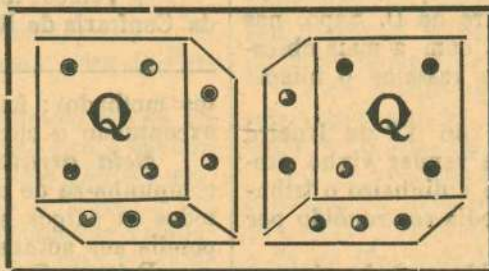
H. Raio

DIGRESSÃO GEOGRÁFICA

Casa só quanta *mores*,
Terra quanta tu *vejas*;
Do *fogo* adoradores
Sempre livre tu *sejas*.

Agar Ramos

ENIGMA TIPOGRAFICO



As decifrações dos trabalhos publicados no nú-
mero 22, são: Indolente, Astrómetro, Atáfera, Ata-
laia, Choupana, Esgarrão, Grabato-grato, Cômico-coco,
Petinga-pêga, Invento-inventa, Invalida-inválido, Eli-
sa-asile, Paulito, Castro Laboreiro e Napoleão Bona-
parte.

Lebricho

Lebricho.

Costume macabro

As crianças eram, no paganismo, imola-
das, sem apelo, á desumanidade dos pais,
que tinham sobre elas reconhecido direito
de morte. As montureias de Roma pulula-
vam de numerosos e pequenos cadáveres,
que os pais ali lançavam, para repasto dos
cães. Comerciantes, sem escrúpulos, apro-
veitavam muitos dos que eram lançados com
vida e deformando-os horrorosamente, ex-
punham-nos, á beira das estradas, para ar-
rancar esmolos aos transeuntes.

Na China pagã, subsiste o mesmo nefan-
do costume. Os pais, parentes, amigos, ma-
tam as crianças e lançam-nas, nas ribeiras,
nas ruas, nos vales. Os cadáveres dos adul-
tos são também abandonados insepultos.

Por iniciativa dos missionários católicos,
fundou-se, em Xangai, onde o preverso cos-
tume toma proporções assombrosas, uma
Sociedade para prover ao enterramento des-
ses corpos abandonados. Para esse efeito
tem ao seu serviço numerosos chineses, que
vão, durante a noite, pelas ruas, rios e ri-
beiros, em busca dos corpos abandonados.

Vimos, há pouco, o relatório dessa ins-
tituição, relativo ao ano de 1932. Nele se
lêem estes números trágicos: nesses doze
meses, mandou a sociedade enterrar 3.088
cadáveres de adultos, quasi todos jovens de
15 a 18 anos e 33.616 cadáveres de crianças,
quasi todas assassinadas. Todos esses ca-
dáveres foram encontrados no rio Whaupão,
no ribeiro do Solchaw e nas próprias ruas
de Xanghai.

Quando se presenciavam estes espetáculos
é que nós medimos melhor os grandes bene-
fícios, que devemos á Igreja.

Só Ela é a Mãe Augusta da civilização.
Quando desaparece a sua influencia, os ho-
mens voltam ao barbarismo, de que a sua
mão generosa e divina os arrancou.

Um homem á altura... do cargo...

Foi nomeado em Espanha director de
Prisões o doutor Ruiz Maya. Quem é? Um
jornal republicano de Córdoba dá-nos da
sua vida estes curiosos e elucidativos ante-
cedentes: Num comicio celebrado no *pueblo*
de Fernan Nuñez, em 1931, o doutor Ruiz
Maya falou assim á multidão: «... porque
essas flocinhas reluzentes devem servir em
vossas mãos, para alguma coisa mais do que
para segar espigas. Outras espigas mais al-
tas tereis de segar.»

Noutra passagem do discurso do mesmo
comicio, aconselhou: «Se virdes um fidal-
gote a falar com um operário, cravai-lhe
um punhal pelas costas, porque está pela
certa a comprar-lhe o voto»

No mesmo ano arengava á multidão, na
povoação de Espelho, por esta forma:

«E' preciso que sejais não homens mas
feras, e que não hesiteis nem retrocedais
diante de nenhuma violencia. Contra essa
guarda civil, burguesa e capitalista, há que
afirmar a maior rebeldia.»

No comicio já referido de Fernan Nuñez
proclamou: «Há que abrir as portas do es-
pirito para que saiam e se desencadeiem
todas as rebeldias: há que abrir as portas
das prisões, em nome dessa aurora verme-
lha que desponta no Oriente.

E no grande Teatro de Córdoba ensi-
nou: «Abramos caminho ao incêndio ver-
melho. A Russia acendeu o facho glorioso.
Todos os homens serão livres. Livres, sem
prisões, sem cadeias e sem Guarda Civil.
Da Russia nos chega um só grito:

Liberdade.»

Um homem destes está naturalmente
indicado para... director de prisões. Que
contentes deviam ficar os criminosos de Es-
panha!

Coisas curiosas

O que os nossos antepassados pagavam — segundo a lista publicada no Catalogo das Rainhas de Portugal — edição de 1878:—

Jugada— Era uma quota que o contribuinte pagava por cada jugo de bois com que lavrava; geralmente um moio de trigo ou milho pelo Natal. Havia tambem jugadas de pão, vinho e linho. O fisco pedia um oitavo do vinho ou do linho. Ao trabalhador de enxada pedia uma medida, chamada *teiga*, de cereaes.

Colheita— Era uma soma colectivamente imposta a cada concelho e repartida pelos moradores na porção de suas posses. Havia colheita paga ao estado e colheita paga aos senhores e prelados pelos seus subditos. A principio a colheita era paga quando o príncipe ou senhor vinha à sua terra uma vez por ano; por isso lhe chamavam tambem *jantar* ou *parada*.

Portagem— Tributo que se pagava às portas das cidades e vilas; era semelhante ao actual direito de barreira.

Peagem— Era um imposto pago por quem passava pelas estradas e pontes.

Almadrava— Direito que se pagava pela pesca do atum.

Açougagem— Direito que se pagava no sítio mesmo do consumo, nas praças e mercados diários.

Sisa— Este antigo imposto, votado pelas côrtes em 1387, no reinado de D. João I, não exceptuava as classes aristocráticas; como tributo municipal já tinha sido posto em pratica no reinado de D. Fernando I. Consistia em dez por cento sobre todos os objectos comprados, vendidos ou trocados, excepto pão, ouro e prata; o comprador pagava cinco e o vendedor outros cinco. Como se vê, abrangia tudo, a mutuação da propriedade e de todos os generos de consumo. Nas vendas a retalho o imposto era lançado só sobre o vendedor, o que não impedia que, pelo aumento do preço de venda, fosse recair sobre o comprador.

Montado— Era o direito pago pelos rebanhos apascentados nos terrenos de alguns concelhos: era um imposto local.

Condado— Tambem era imposto local que se pagava pela caça, pesca, mel e cêra.

Martinadega— Quota paga em algumas localidades pelo chefe da família quando a renda anual excedia certos limites.

Almocrevaria— Recovagem gratuita exigida aos almocreves para serviço do rei.

Alcavala— Imposto que se pagava sobre a carne vendida nos mercados; andava unido á açougagem.

Alcaidaria— Foragem de dois dinheiros paga ao alcaide por cada carga de peixe posta na praça.

Julgado— Imposto analogo ao anterior, pago ao magistrado da jurisdição.

Osas— Tinha este nome certo tributo local que o senhor das terras recebia pelo Casamento dos seus vassallos, bem como o que o marido, dava a sua mulher, ou a viuva a seu marido pelo preço da virgindade. Felizmente em Portugal, n'este ponto como em muitos outros, nunca se conheceram, em geral, as barbaridades e imogalidades do feudalismo.

O direito do senhor se arrogar a si as primicias da virgindade da esposa datava do tempo do império romano, e alguns o atribuem a Maximiano Galeiro.

A primeira noite das bôdas era para o senhor; só depois d'esta prelibação o marido tomava posse da esposa.

Póde-se fazer ideia dos monstruosos abusos que resultariam dos senhores, prelados, e até alguns párocos, se arrogarem o direito de não permitirem o casamento de suas vassallos sem o pagamento da indigna pensão em *corpo* ou em dinheiro.

Em Portugal, porém, apenas se cita um ou outro caso de exigencia d'aquelles tributo por alguns senhores; taes foram: O abade fundador do mosteiro de Santa Maria do Carvoeiro, e o senhor de Cardiélos, Florentim Barreto, fundador da Torre de D. Sapo, nas margens do rio Lima, que segundo a tradição, com a mais obceca barbaridade extorquiam das noivas de seus vassallos o infame tributo das primicias sensuaes.

Relegagem— Privilégio de mercado real, do 1.º de Janeiro ao 1.º de Abril. N'este prazo só o Estado podia vender vinho produzido no concelho; era para reduzir facilmente a dinheiro o tributo recebido n'aquelles genero. O vinho de fóra podia ser vendido por qualquer pagando um almude por carga.

Ochava— Imposto sobre os generos vendidos ao alqueire ou almude nas *fangas* ou mercados de cereaes.

Importação e exportação— Direitos impostos sobre a entrada e saída das mercadorias;

Real d'agua— Imposto de um real sobre cada arratel de carne e canada de vinho.

Consulado— Imposto de trez por cento de entrada e trez por cento de saída sobre todas as mercadorias que passassem pelos por-

RECORDANDO O PASSADO

14 de Agosto de 1385

Morre combatendo em Aljubarrota contra o Mestre de Aviz o Conde de Barcelos D. João Afonso Teles de Menezes, irmão da rainha D. Leonor Teles. Finda esta batalha foi armado cavaleiro Alvaro de Faria filho mais novo de Neves Gonçalves, o célebre Alcaide do Castelo de Faria.

* * *

16 de Agosto de 1518

Faz seu testamento Diogo da Costa, muito honrado escudeiro fidalgo de Barcelos, referindo-se nêle à distribuição do morgado da Capela de S. Francisco, feita por seu tio Fernão Anes da Costa, secretário do Duque de Bragança D. Fernando I.

* * *

6 de Novembro de 1556

Falece D. João IV que, antes de começar a reinar foi duque de Barcelos.

* * *

4 de Agosto de 1562

El-Rei D. Sebastião faz duque de Barcelos ao conde do mesmo nome e sexto duque de Bragança D. João, filho de D. Teodorio e de D. Joana de Lencastre.

(Continua).

Pela Franqueira

A noticia da concessão pelo Governo de 60 contos para as obras de N.ª S.ª da Franqueira, está já ani nando os trabalhos, que, devido à falta de recursos, tinham sido interrompidas.

Trabalha-se egualmente em alargar mais a estrada, que, numa grande extensão tinha apenas o espaço sufficiente para a passagem dum carro.

São dignos de louvôr os membros da Comissão administrativa de N.ª S.ª da Franqueira, que não se poupam a sacrificios de toda a oraem, para verem completamente transformado aquele já de si atraente local, num dos mais belos pontos turisticos de Portugal.

Carvalho, 7-6-1933

No dia 4 do corrente mês, recebeu o baptismo uma menina, filha do Sr. Justino de Vilas Boas e Maria Fernandes, tendo servido de padrinho o Sr. Augusto António Fernandes, tio materno, e de madrinha, Ana Ferreira, avó materna. A' creança foi dado o nome de Ana.

— As vinhas apresentam optimo aspecto: a continuar assim até à colheita, vamos vêr os lavradores seriamente embaraçados para envasilhar o vinho. Devido a isso tem descido a cotação do vinho que o lavrador tem nas adegas para vender, na esperanca de o dispôr por um preço mais compensador.

— Encontra-se em convalescença o nosso mui presado amigo, Manuel Francisco Alves, activo membro da mesa administrativa de N.ª S.ª da Franqueira.

— Para substituir o nosso rev. pároco, que em breves dias retira para a vila da Povoia de Varzim, afim de se sujeitar a um rigoroso e demorado tratamento, indigita-se para novo pároco desta frèguesia um digno sacerdote que se encontra de serviço em Braga: terá a frèguesia essa sorte? Aguardemos as determinações do nosso bondoso prelado a quem estão entregues os destinos desta frèguesia, que, devido à estrada da Franqueira, ha-de ser uma das mais lindas e populosas frèguesias do concelho, desde que se construam casas e palacetes como de Braga ao Bom Jesus.

— Vamos ter, brevemente, telefone nesta frèguesia, e na Casa da Confraria de N.ª S.ª da Franqueira.

tos molhados; foi instituido por Filipe II em 1592, e d'ele só era exceptuado o clero.

Meia arrata— Tributo creado em 31 de Maio de 1631; compunha-se de cincoenta por cento de vencimento de um ano em todos os cargos e officios providos desta data em deante; correspondia aos actuaes direitos de mercê lucrativa.

Peita— Com este nome se significava o produto das multas impostas por diversos crimes e transgressões, que constituia uma não pequena parte de contribuições.

Alem d'estes direitos pagos ao governo, o povo pagava ainda á Igreja, bens d'alma, dizima e primicias aos parocos e as respectivas congruas.